

Sumário

Prefácio	9
Maria Cecília de Souza Minayo	
1. O desenho da família como forma de expressão infantil	15
Simone Gonçalves de Assis, Joviana Quintes Avanci e Carmen Lúcia Albuquerque de Santana	
2. Vulnerabilidade social na infância e expressão no desenho da família	37
Fernanda Mendes Lages Ribeiro, Simone Gonçalves de Assis, Liana Wernersbach Pinto e Raquel de Vasconcellos Carvalhaes de Oliveira	
3. Representações de mães e crianças sobre o jeito de ser menino ou menina	87
Luciene Patrícia Câmara, Joviana Quintes Avanci, Rosemery Emerich Pereira de Souza e Thiago de Oliveira Pires	
4. Representação mental da relação de apego e o desenho da família	113
Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Liana Wernersbach Pinto	
5. Reflexões sobre o desenvolvimento cognitivo infantil a partir do desenho	151
Joviana Quintes Avanci e Liana Wernersbach Pinto	
6. Violência familiar e suas manifestações no desenho da família	185
Letícia Gastão Franco, Simone Gonçalves de Assis e Liana Wernersbach Pinto	
7. Desenho de crianças com sintomas de ansiedade	219
Liana Furtado Ximenes, Thiago de Oliveira Pires, Liana Wernersbach Pinto e Raquel de Vasconcellos Carvalhaes de Oliveira	
8. Crianças com sintomas de depressão: sinais no desenho	249
Joviana Quintes Avanci, Liana Wernersbach Pinto, Thiago de Oliveira Pires e Raquel de Vasconcellos Carvalhaes de Oliveira	
9. Expressões do comportamento agressivo e da violação de regras no desenho da família	277
Renata Pires Pesce, Simone Gonçalves de Assis, Liana Wernersbach Pinto, Thiago de Oliveira Pires e Raquel de Vasconcellos Carvalhaes de Oliveira	
Anexo metodológico	317

Prefácio

Maria Cecília de Souza Minayo

Socióloga e antropóloga, doutora em
Saúde Pública; pesquisadora titular da
Fundação Oswaldo Cruz

Este livro traduz parte de um intenso esforço de pesquisa realizado por Simone Gonçalves de Assis e sua equipe, com crianças de escolas de São Gonçalo, Rio de Janeiro, no período de 2005, 2006 e 2008, em que fez um estudo epidemiológico longitudinal sobre o desenvolvimento infantil num universo de 446 crianças de seis a 13 anos, estudantes do segundo ano do ensino fundamental. O estudo realizado pela equipe também abrangeu técnicas e abordagens qualitativas e uso do desenho da família. A pergunta fundamental é a que acompanha as investigações de Simone desde a realização de seu mestrado e diz respeito ao impacto da violência no crescimento e desenvolvimento físico e emocional de crianças. Os textos desta obra se debruçam sobre tal questão, ao mesmo tempo aprofundando e ampliando o foco das análises por meio de múltiplas abordagens que têm o intento de tentar refinar as respostas. O foco do livro é o desenho produzido pela criança, técnica de pesquisa e análise fundamentada em muitos autores referenciais.

O livro se organiza em nove capítulos que podem ser lidos independentemente, mas estão concatenados e orientados pela pergunta principal que move todo o estudo. O Capítulo 1 apresenta os aspectos teóricos e metodológicos da análise da produção gráfica infantil, norteadores do livro. O Capítulo 2, além de discutir as condições de pobreza e sua relação com o desenvolvimento infantil, oferecendo um panorama geral do caso brasileiro, investiga expressões gráficas que indiquem vulnerabilidades sociais vividas no grupo de crianças já descrito.

O Capítulo 3 analisa a representação que as mães das crianças pesquisadas têm de seus filhos, sejam menino ou menina, e também aborda a compreensão que eles têm de suas genitoras, segundo a perspectiva de gênero da criança. Adota uma vertente metodológica quantitativa e outra baseada na teoria das representações sociais (Moscovici, 1984) na análise dos desenhos infantis.

O Capítulo 4 aborda a relação de apego por meio do desenho da família. A hipótese guia deste texto é que, através da representação de si, da família e de outros, de seu contexto e de seus próprios atributos cognitivos e emocionais, a criança expressa um modelo representacional interno com a figura de apego, o que tende a persistir por toda a vida.

O Capítulo 5 trata de aspectos do desenvolvimento cognitivo infantil por meio do desenho da figura humana, chamando atenção para a relação entre cognição, emoção e contexto de vida.

O Capítulo 6 trata das agressões físicas, emocionais e verbais sofridas, presenciadas ou cometidas pelas crianças, expressas nos desenhos. O estudo mostra a presença de violência física, psicológica e verbal frequentemente justificada pelos pais como método de educar; violência conjugal e processos de abandono das crianças por algum dos cônjuges em casos de crises e separações; brigas entre irmãos que se agigantam nos casos das famílias de comunicação conflituosa. Todos esses processos, identificados nas explicações dos desenhos, têm forte influência no desenvolvimento escolar e pessoal de elevado percentual de crianças estudadas.

O Capítulo 7 busca conhecer sintomas de ansiedade nos desenhos infantis, por meio de análise das diferenças no traçado e no contexto. Este estudo mostra que os transtornos ansiosos têm elevada associação com outros agravos à saúde mental e várias características dos desenhos ajudam a diagnosticar o problema. No entanto, o profissional que busca confirmação de ansiedade no desenho infantil precisa conhecer seu contexto social e familiar.

O Capítulo 8 trata dos sinais que o desenho infantil pode emitir sobre uma criança com sintomas de depressão. O pressuposto é de que a expressão gráfica permite aflorar aspectos da vida emocional infantil mais facilmente do que a expressão oral quando o seu uso é bem conduzido e reforçado pelo acesso ao ambiente familiar e social da criança.

O Capítulo 9 trata do crucial problema de violação de regras pela criança, analisado por meio do desenho. Foram investigadas peculiaridades do contexto e do traçado das expressões gráficas de meninos e meninas com problemas externalizantes. Os autores mostram que histórias de violência, especialmente familiar e na comunidade, estão presentes na vida dessas crianças, seja como víti-

mas, seja como autoras. No caso dos pais, a maioria desses meninos e meninas é espectadora de desavenças, de desentendimentos, de humilhações, de brigas com lesões corporais, de separações traumáticas, interferindo em seu desenvolvimento emocional e social.

Como o leitor poderá observar em cada capítulo e, sobretudo, nas conclusões de cada um deles, o foco das indagações não foi integralmente atingido, pois o uso de múltiplas abordagens teóricas e metodológicas não garante o sucesso da precisão, frequentemente cobrada dos estudos científicos. Lendo os diferentes textos, o leitor terá a sensação de que há sempre perguntas ainda por serem feitas e respostas a serem dadas. No entanto, as dificuldades foram tratadas por meio de uma busca incansável, e, por isso, este ousado estudo merece ser valorizado, tanto pelo avanço do conhecimento que promove como pelas interrogações que deixa. Na verdade, os vários textos mostram que as interpretações, ainda que plausíveis, não são unívocas, uma vez que os autores tocam em vivências de processos humanos com múltiplas possibilidades de explicações. É sobre essa incompletude do processo de conhecimento que comento, sob duas perspectivas.

O primeiro aspecto a ser ressaltado é de cunho filosófico e foi pensado com grande sabedoria por Heidegger (1980), entre outros. Seus comentários são adequados ao espírito do que é tratado neste livro: o autor nos convida a exercitar incansavelmente a compreensão sobre as experiências e as vivências, como uma tarefa que nos torna humanos. Nesse sentido, ressalta que a facticidade da vida e do ser-no-mundo não são uma “coisa em si mesma”, e sim, um processo reflexivo. Toda compreensão é por natureza parcial e inacabada, uma vez que ontologicamente os indivíduos se encontram reciprocamente eviscerados no velamento e no desvelamento dos acontecimentos, das atitudes e das práticas. Assim, o entendimento não se esgota nem na subjetividade nem na objetivação: ele está envolto na autenticidade e na inautenticidade, na verdade e na não verdade. Eu acrescento que isso acontece mesmo quando todos os procedimentos científicos tenham sido fielmente seguidos. Em sua clássica obra *O ser e o tempo*, Heidegger (1980) chama a atenção para o que, posteriormente, foi comentado e aprofundado por Gadamer (1999) em seu clássico livro *Verdade e método*: compreender é muito mais do que uma técnica, é o exercício humano de se colocar no lugar do outro. Por isso, todo conhecimento hermenêutico reúne observador e observado.

Outros filósofos também trataram do tema da compreensão intersubjetiva e da dificuldade de alcançá-la. Por exemplo, Walter Benjamin (1994, p. 213) comentou sobre esse momento privilegiado de interlocução, dizendo que:

o ato de contar e ouvir uma experiência envolve um estar-com-no-mundo, numa relação de intersubjetividade que se dá no universo de valores e transcende o uni-

verso em que os personagens estão inseridos. Quem escuta uma história está em companhia do narrador e mesmo quem a lê, compartilha essa companhia.

A narrativa amalgama o pessoal e o coletivo, fazendo circular a palavra. O investigador se torna um interlocutor que ouve e incentiva o outro a falar, a protagonizar o vivido e a apresentar sua reflexão sobre ele. Quem ouve interage, participando da reconstrução das experiências e proporcionando ao narrador a oportunidade de acrescentar uma profusão de sentidos a sua história.

Como o processo de compreensão é sempre imperfeito e inacabado – pois nunca saberemos tudo de uma vez só e nem de uma vez por todas – vale ter em mente as advertências de Heidegger (1988), Gadamer (1999) e Habermas (1987), apontando que qualquer processo de interação entre pessoas aponta tanto para o entendimento como para o desentendimento. Habermas (1987) chega a falar que o velamento não ocorre apenas no ato inaugural da inter-relação humana, mas está na intransparência da linguagem que vem das diferenças sociais e dos interesses que cada ator social apresenta em sua comunicação. Nesse sentido, toda narrativa está irremediavelmente influenciada pela pergunta – por quem pergunta, como pergunta e por que pergunta; e, vice-versa, pela resposta – por quem responde, como responde e por que responde. Habilidades de quem ouve e possibilidades e interesses de quem narra tornam o discurso um ato intersubjetivo que enreda o ouvinte e o interlocutor, mas nunca o transformam numa verdade comprovável. Remetendo às possibilidades e dificuldades desse encontro, Dartigues (1973) lembra que:

a situação intersubjetiva não pode ser inteiramente “subjetivada”, ou seja, convertida em idéia na consciência de um único sujeito; nem “objetivada”, convertida em coisa. Pois pensá-la como simples “para si”, à maneira do idealismo, ou como simples “em si” à maneira de um realismo naturalista não é atingir a dimensão da existência que constitui o social antes de toda apreensão científica. É rebaixar o ser-com-outrem ao esquema abstrato no qual se deposita o saber com pretensão de valer sempre e em qualquer lugar (DARTIGUES, 1973, p. 66).

Portanto, e finalizando os argumentos citados, não deve ser estranho que o trabalho liderado por Simone não chegue a conclusões definitivas.

O segundo ponto que gostaria de comentar são as dificuldades de cunho epistemológico. Os autores, numa ousada tarefa, se propuseram a utilizar múltiplas perspectivas teóricas e metodológicas das várias disciplinas e técnicas de que se valeram. O foco foi o desenho de quase 500 crianças sobre as famílias delas. Mas o intento maior foi descobrir a associação de problemas emocionais

e comportamentais e de violência familiar, comunitária e social que as crianças sofrem ou praticam. O livro mostra claramente as pedras que os pesquisadores encontraram em seu caminho ao propor uma perspectiva da área de saúde coletiva, utilizando teorias e técnicas do campo de saúde mental.

Com relação aos encontros inter ou transdisciplinares, é importante ressaltar que tal como foi vivenciado pelos autores desta obra, nem os múltiplos olhares, por mais diversificados que sejam, podem produzir um resultado acabado sobre qualquer assunto, já que os temas tratados no livro atravessam vários campos científicos cada vez mais especializados e cientes de suas descobertas, teorias, técnicas e propósitos específicos. Faltam-nos ainda estratégias claras para atingirmos o que Bertalanffy (1975), um dos autores seminais do pensamento sistêmico e complexo, sugere: que abandonemos a ideia de disciplinas e foquemos em totalidades constituídas no interior da organização dos fenômenos, para que a compreensão dos sistemas vivos e complexos seja alcançada sem reducionismo, sem transferência ingênua de conceitos, sem buscar semelhanças superficiais e sem transposição de modelos.

Em relação ao que se pode criticar a respeito das dificuldades da interação disciplinar, de métodos e técnicas, é preciso dizer que o caminho tentado por Simone com seu grupo, sem alcançar a perfeição, gerou muito conhecimento e pode contribuir para a melhor compreensão e, em consequência, para um cuidado mais específico com um grupo de crianças particularmente alvo de abandono, negligências, maus-tratos e muito sofrimento psíquico.

Portanto, finalizando esta apresentação, devo ressaltar a importância deste livro: a ousadia teórica e metodológica utilizada e, sobretudo, o investimento incansável do grupo que o escreveu, realmente empenhado em nos apresentar uma visão compreensiva do desenvolvimento social e emocional da criança vítima de violência, o que transcende o universo pesquisado e contribui para um cuidado mais adequado às crianças brasileiras.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTALLANFY, Ludwig Von. *A teoria geral dos sistemas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. *Dialética e hermenêutica*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- MOSCOVICI, Serge. Le domaine de la psychologie sociale. In: _____. *Psychologie sociale*. Paris: PUF, 1984. p. 1-22.